

## O CANTO DA SEREIA: UMA VISÃO MEDIEVAL DA MULHER

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

[ff017066@gmail.com](mailto:ff017066@gmail.com)

### RESUMO

Pretendemos, com este trabalho, traduzir, analisar e discorrer sobre como a mulher era vista na Idade Média a partir do *dialogus* XXXVIII, da obra *Dialogus Creaturarum optime moralizatus*, impressa por Gerard Leeu de Gouda e publicada em 1480. A obra a ser estudada mostra, como a maioria dos textos medievais, a mulher como um ser inferior ao homem e, graças ao seu poder de sedução, a fonte de ruína e desgraça do varão. O *dialogus* a ser analisado apresenta primeiramente a figura da Sereia como o tipo do antítipo que vem a ser a mulher. Deste modo, assim como aquela é um ser perigoso, sedutor, podendo, por isso, levar os incautos marinheiros à ruína, do mesmo modo a mulher poder levar a perder até o mais casto dos homens. Em seguida, partindo de exemplos bíblicos, o texto cita passagens que corroboram o pensamento acima a respeito das mulheres. Por fim, o autor também busca argumentos para sua tese na literatura e na filosofia gregas, ao citar, respectivamente, Páris e Helena e o filósofo Demócrito.

#### Palavras-chave:

Mulher. Sereia. *Dialogus creaturarum*. Idade Média.

### 1. Introdução

Antes de apresentarmos o texto que é o objeto do nosso trabalho, faremos, primeiramente, um breve resumo do contexto histórico em que ele foi produzido e das fontes que lhe deram origem. Durante a Idade Média, Fedro e sua obra foram pouco a pouco sendo esquecidos e suas fábulas passaram a circular na forma de prosa e, por desconhecimento do verdadeiro autor, sob o pseudônimo de *Romulus*. Assim pouco ou quase nada se sabia sobre a vida e a obra de Esopo. No século XIV, no entanto, Maximus Planudes, responsável também pela redescoberta da *Antologia Grega*, publicou uma coleção de fábulas e uma biografia de Esopo. A principal fonte de Maximus Planudes foi uma coleção de duzentas e vinte fábulas escritas em grego por Babrius nos primórdios da era cristã. As fábulas de Babrius foram usadas, durante a Idade Média, como material de apoio ao ensino de retórica.

A fábula é, em essência, uma forma simples de alegoria, cuja ênfase está nas atividades de animais que são levados a se comportar como seres humanos. Ao enfatizar a moral e a história, a personificação e a caricatura dos animais, ela nos permite vislumbrar, de maneira resumida e simples, a descrição do caráter humano.

O *Physiologus*, obra grega escrita provavelmente no século II d. C. em Alexandria, por um autor desconhecido, foi produzida com base nas descrições de animais feitas por Aristóteles e Plínio e acrescida de desenhos e de comentários moralizantes. Foi esta obra que deu origem, no século XII, aos bestiários. Os nomes destes vêm da primeira linha do *Physiologus: Bestiarum Vocabulum*. O Bestiário amplia o número de animais, adiciona mais imagens, muda a natureza da mensagem a ser passada para seus leitores e apresenta exortações éticas baseadas em passagens bíblicas. Por volta do século XIV, eles se ampliaram e livros como o *Dialogus Creaturarum* e o *Liber Creaturarum* reuniram, em seu conteúdo, material proveniente dos Bestiários e das fábulas. O *Dialogus Creaturarum* continha cento e vinte e duas fábulas e houve pelo menos treze edições antes de 1500.

Os diálogos desta obra tratam em sua maioria de conversas entre animais, mas este que trabalharemos aborda a visão medieval sobre a mulher. Para o homem medieval, em especial aquele ligado à Igreja, a mulher é um ser inferior e, como tal, deve ser tratada e definida. Para tanto, o autor do texto que aqui será estudado busca vê, na figura da Sereia, argumentos para defender o ponto de vista medieval sobre a mulher. Vejamos o que diz Umberto Eco sobre esse tipo de comportamento dos autores desse tempo:

os autores medievais são substancialmente concordantes em insistir na imperfeição e insuficiência da natureza da mulher, nascida para viver subordinada ao homem. Repetem a filosofia grega e as Sagradas Escrituras, lidas através do prisma da interpretação patristica, que, embora com as devidas distinções, aceita unanimemente uma tradição em que a infirmitas mulieris é uma realidade óbvia e irrefutável. (ECO, 2012, p. 43)

Falando agora especificamente do texto a ser traduzido e analisado, não podemos nos esquecer de que a descrição da Sereia que nele aparece é a mesma dos nossos dias: uma criatura metade mulher, metade peixe e que é bastante explorada em pinturas, quadros, livros, revistas, filmes, desenhos etc. Entenderemos, ao nos debruçarmos sobre o texto, os motivos que levaram as pessoas a imaginarem as sereias desta maneira, uma vez que esta descrição não corresponde ao modelo original e também não é a única que permeou a imaginação dos autores, pintores e marinheiros no decorrer da história. Em seguida, o autor chama a atenção para o primeiro instrumento de sedução da Sereia: o seu canto; depois, apresenta o seu segundo recurso de sedução: sua beleza. Vê-se, mais à frente, que as características físicas atribuídas à Sereia são, na verdade, o argumento inicial para se dizer que a mulher também é perigosa não só por possuir os atributos próprios de uma Sereia, mas também por se comportar como esta. Prosseguindo, o autor, na tentativa de comprovar os seus argumentos, vai buscar primeiramente nas Escrituras exemplos que reforcem a ideia de que a mulher é um ser sedutor

e, por isso, perigoso; além da Bíblia, ele faz alusão ainda às palavras de São Bernardo, ao ressaltar o poder do olhar feminino; não se contentando com os exemplos já apresentados, ele recorre a um exemplo da literatura clássica e cita Helena, cuja beleza, segundo ele, não apenas encantou a Páris, mas também pôs a correr aqueles que por ela não queriam ser enfeitados; por fim, cita o filósofo Demócrito como um exemplo a ser seguido, pois, segundo a tradição, preferiu furar os olhos a ter que brigar eternamente contra o desejo que o tomava sempre que se deparava com a beleza feminina.

## 2. *Texto*

### DE SYRENE ET LUBRICO

Syren est monstrum maris quia ab umbilico desuper est ut pulcherrima virgo; inferius autem piscis tota. Haec Syren tam dulciter cantat quod propter dulcedinem cantus illius nautae gubernacula relinquunt et obdormiunt. Ea propter multi periclitant. Quidam autem impudicus et luxuriosus navigans per mare intuitus est Syrenem pulcherrimam qui statim ipsam concupiens ad luxuriam proclamavit. Syren autem magis dulciter clamabat et cantabat. Se quoque parabat ut hunc lubricum deciperet et ait: “Vt intueor tu me diligis, sed si vis mecum concubere, descende in fluctibus et ad libitum corpore meo perfrueris”. Erat enim hic ita a luxuria inflamatus **quia** quasi nil de se sentiebat. Idcirco misit se in marinis undis ut cum ipsa cubaret. At illa hoc intuens ipsum in undis reliquit periclitare per mareque natavit ut solebat, dicens: “Vir qui mulieri credit laquem sibi tendit”. Caveant ergo impudici ne propter speciem mulierum similiter pereant quia propter speciem mulieris multi perierunt. Vnum consulens ipse dicit ibidem em Eclesiástico 9: “Virginem ne concupisces ne forte scandalizeris in decore illius”. Hoc ei periculum considerans, Jó xxxi dicebat: pepegi fedus cum oculis meis vt ne cogitarem de virgine propter quod dicit Bernardus: “Vultus mulieris sagitta venenata est. Vulnerat animam et et mittit venenum. Vnum cum Paris Helenam duxisset uxorem philosophi quidam ad eam videndam pergentes et eius pulchritudinem videntes operuerunt oculos dicentes: “Fugiamus, fugiamus”. Sic enim naturaliter magis nocet animae respicere mulieremque pulchram quam foedam. Prout refert quidam quod Democritus philosophus sibi oculos eruit et huius causa triplex ab aliis philosophis assignatur prima quia visus ipsum a meditationibus interioribus impediabat; secunda quia malos nimis impatienter videbat; tertia quia mulieres sine concupiscentia videre non poterat.

## 3. *Tradução*

### A SEREIA E O ENGANO

A Sereia é um monstro marinho que do umbigo para cima é como uma belíssima virgem; a parte inferior, porém, é totalmente peixe. A Sereia canta tão docemente que por causa da doçura de seu canto, os marinheiros abandonam o leme e adormecem. Em razão disso, muitos correm perigo. Um impudico e luxurioso navegante avistou no mar uma linda Sereia, o qual, desejando-a imediatamente,

chamou-a para a luxúria. A Sereia, porém, gritava e cantava mais docemente. Preparava-se também para fazê-lo cair nesta armadilha e diz: “Conforme percebo, tu me amas, mas se queres deitar-te comigo, desce às ondas e usufruirás à vontade do meu corpo”. Ele estava tão inflamado pela luxúria que quase não dava fé de si mesmo. Por isso atirou-se nas ondas do mar para se deitar com ela. Mas ela, observando isso, deixou que ele se arriscasse pelo mar e nadou como costumava, dizendo: “O homem que acredita em uma mulher arma para si um laço”. Tomem cuidado, pois, os impudicos para que não venham a perecer do mesmo jeito por causa da beleza das mulheres, pois por causa da beleza da mulher muitos pereceram. Alguém, pois, refletindo, diz a mesma coisa em *Eclesiástico IX, 5*. “Não desejes uma virgem para que não venhas a tropeçar no decoro dela”. Levando em conta, pois, este perigo, Jó, no capítulo xxxi, 1, dizia: “Fiz um pacto com meus olhos para não olhar para uma virgem”. Por causa daquilo que diz São Bernardo: “O olhar da mulher é uma seta envenenada: fere a alma e injeta veneno”. Como Páris tivesse se casado com Helena, alguns filósofos, vindo para conhecê-la e vendo a sua beleza, seus olhos foram abertos, dizendo: “Fujamos, fujamos”. Assim, pois, é mais naturalmente nocivo para a alma voltar os olhos para uma bela mulher do que para algo horrendo. Conforme relata alguém, o filósofo Demócrito arrancou seus próprios olhos e a causa dele foi apoiada por três outros filósofos. Primeiramente, porque a visão afastava-o das meditações interiores; em segundo lugar, porque via, de maneira impaciente, os maus florescerem em abundância; em terceiro lugar, porque não podia ver uma mulher sem que a desejasse.

#### 4. *Comentários*

O texto se inicia com a descrição física da Sereia. A sua descrição corresponde àquela que se tornou célebre no decorrer da história. Essa descrição, com certeza, não vem dos clássicos, pois, como veremos, os gregos e os romanos a imaginavam com outra aparência. Vejamos o que diz Gail-Nina Anderson: “Nos vasos gregos ou nos murais romanos [as sereias] aparecem como mulheres-pássaros, às vezes apenas com cabeças, às vezes até a cintura para que elas tenham braços com os quais tocam instrumentos musicais”<sup>1</sup> (ANDERSON, 2009).

Embora a descrição acima não esteja presente na *Odisseia*, já que Homero se preocupa mais em descrever o instrumento de sedução das sereias, seu canto, do que seus atributos físicos, essa omissão talvez se deva ao fato de que os seus contemporâneos já sabiam de antemão como era uma sereia, o que se pode comprovar com vasos dos séculos III e IV a.C.:

---

<sup>1</sup> “On greek vases or roman murals [the sirens] appear as Bird-women, sometimes just with heads, sometimes to the waist so that they have arms with which to play musical instruments.”



Os dois vasos acima comprovam que, na imaginação dos gregos e dos romanos, as sereias eram mulheres-pássaros. No do século III, elas são apresentadas, da cintura para cima, como mulheres, inclusive com braços para que pudessem tocar instrumentos e, da cintura para baixo, como pássaros. Já no vaso do século IV, a principal diferença é que elas não possuem braços, sendo identificadas com a figura feminina apenas pela cabeça.

A literatura grega do século III a. C. também as apresenta como nos quadros acima:

E então eles viram uma bela ilha, Antemoessa, onde as sereias de voz clara, filhas de Aqueloo, costumavam seduzir a quem quer que lançasse âncora ali e assim o destruía. Elas descendem da adorável Terpsícore, uma das musas, que, nua, uniu-se a Aqueloo. Elas cuidaram da nobre filha de Deméter, ainda solteira, e, em coro, cantavam para ela. E, naquela época, elas foram transformadas em pássaros, na parte [de baixo] e permaneceram donzelas [na parte do rosto] para que pudessem contemplar. (APOLÔNIO DE RODES, *Argonáutica*).

Já no século I d. C., o grande poeta latino, Ovídio, em sua obra *Metamorfoses*, segue bem de perto o texto, a tradição, a literatura e a arte grega:

Mas quanto a vós, ó filhas de Aqueloo, por que tendes penas e pés de aves, ainda que permaneceis com o rosto de uma donzela? Por ventura foi porque, quando Prosérpina colhia flores primaveris, vós estáveis entre as suas companheiras, ó sereias, instruídas no canto? Depois que a procurastes em vão por toda a terra, e as águas (do mar) percebiam a vossa preocupação, desejastes poder começar a sobrevoar com os ramos das asas sobre as ondas; tivestes deuses favoráveis e vistes sutilmente os vossos membros tornarem-se em penas douradas. Para que aquela música, nascida para os ouvidos, não perdesse, porém, a sua melodia e tão

<sup>2</sup> Odisseu e as sereias. Vaso ático ('stamnos') de figuras vermelhas, do pintor conhecido como "Pintor das sereias", 500-480 a.C., período Arcaico Tardio. Museu Britânico, Londres. <http://deedellaterra.blogspot.com.br/2013/11/mitologia-grega.html>

grande talento não perdesse o hábito da língua da boca, permaneceram o rosto virginal e a voz humana. (OVÍDIO, *Metamorfoses*, IV, 555-563)

No texto de Apolônio de Rodes, além da descrição física das sereias, há ainda uma referência aos seus pais e o porquê de elas terem sido transformadas em pássaros: para que pudessem sobrevoar as terras e os mares à procura de Perséfone, que delas era companheira e que havia sido raptada pelo deus do Hades. Não há, aqui, nem em Homero, uma explicação para a etimologia do nome delas. Porém, o estudioso Claude Nicaise nos apresenta algumas possibilidades:

Tudo o que podemos dizer aqui é que a palavra “sereias” vem, segundo M. Bochart, de Sir, que na língua púnica e hebraica significa “canto” ou “cantiga”. Esta Etimologia parece mais correta do que aquela que se baseia no verbo grego *σῶδν*, que significa “atrair para si”, ou de *σειρα*, que quer dizer “cadeia”, porque aqueles que alguma vez se sentiram atraídos por elas e, presos em seus vínculos, não poderiam se livrar disso. (NICAISE, 1691)

Já em Ovídio, em momento algum o nome “Sereia” é mencionado, mas elas são identificadas pela sua ascendência: *Acheloides*, ou seja, “descendentes de Aqueloo”. Vemos, aqui, que não há dúvida quanto ao pai das sereias, mas, no que diz respeito à mãe, há várias vertentes: uns dizem que elas são filhas de Melpômene; outros de Calíope e um terceiro grupo, no qual se encontra Apolônio de Rodes, afirma ser Terpsicore. Em seguida, Ovídio as apresenta conforme a descrição recebida dos gregos: parte mulher, parte ave, mas ainda com o rosto virginal. Como se pode ver, segue de perto o texto de Apolônio de Rodes, inovando, porém, no final, ao falar sobre a finalidade de elas terem continuidade com o rosto e a voz humanas.

A descrição acima prevaleceu provavelmente até o século VII d. C., quando, segundo Wilfred P. Mustard, ela foi alterada: “Assim, temos a antiga tradição quanto à forma das sereias até o sétimo século, enquanto no século dez as encontramos descritas como parte peixe”.<sup>3</sup> O primeiro registro das sereias com esta nova forma pode ser encontrado na obra *Liber monstrorum de diversis generis*, séculos IX ou X, cujo manuscrito mais antigo remonta ao século X. A partir de então, elas passaram a ser representadas nos textos medievais, inclusive no que agora está sendo analisado por nós, assim:

---

<sup>3</sup> We thus have the ancient tradition as to the form of the Sirens as late as the seventh century, while as early as the tenth century we find them described as part fish.



Vejamos agora alguns fatores que contribuíram para que as sereias passassem por esse tipo de transformação, ou seja, de mulheres-pássaros a mulheres-peixes.

O primeiro motivo vem do próprio berço greco-latino. Algumas divindades marinhas já eram descritas como metade humana e metade peixe. Dentre os exemplos, destacamos: Tritão e as Nereidas. O primeiro, filho de Anfitrite e Netuno, é descrito como uma divindade marinha, que, às vezes, possuía uma cauda e outras vezes duas e, mais raramente, com duas pernas e uma cauda. As Nereidas merecem um comentário a mais, em razão de a língua inglesa fazer distinção entre *mermaids* e *sirens*. Para eles, as *mermaids* são criaturas metade mulher e metade peixe, ou seja, não mudam de forma; as *sirens*, no entanto, podem se apresentar de duas formas: um pássaro com cabeça de mulher ou como uma mulher-peixe. Deste modo, as Nereidas, segundo a interpretação inglesa, não são sereias, mas sim *mermaids*, literalmente, “donzelas do mar”.

Outro motivo é formulado a partir da visão cristã da Sereia. Antes do advento do cristianismo, elas só eram vistas, desenhadas, pintadas e esculpidas segundo a descrição greco-latina. Os autores e artistas cristãos mudaram a sua forma original e trocaram as penas pela cauda de peixe. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que as asas estavam muito ligadas à figura de anjos, seres bons e instrumentos de Deus para proteger e guardar aqueles

<sup>4</sup> <http://maritimo.blogspot.com.br/2012/08/o-fado-das-sereias.html>

que o temem; as sereias, pelo contrário, eram vistas como criaturas más, ligadas ao prazer carnal e à tentação, como veremos mais adiante.

Uma terceira hipótese são as raízes orientais do mito. Sabe-se que muitos mitos gregos têm origem oriental, como, por exemplo, o mito de Adônis e o de Afrodite. Não é de se estranhar, portanto, que o mesmo tenha ocorrido no que se refere às sereias. A sua origem oriental nos leva a aproximadamente 1000 anos a.C. Segundo a mitologia assíria, a deusa da fertilidade, Atargatis, apaixona-se por um mortal. Há três versões trágicas para esse desenlace amoroso: a primeira é de que ela, sem querer, o teria matado; a segunda é de que teria engravidado e ficado desapontada ao dar à luz a uma menina humana; a última versão diz que ela tentou dar cabo à vida se atirando em um lago. Ela não morre, mas ocorre uma metamorfose e, além de continuar com seus poderes divinos, transforma-se numa sereia: metade mulher, metade peixe, conforme podemos ver numa moeda grega, cunhada em honra a Demétrius III:



5

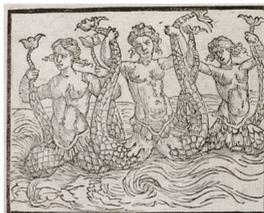
Da descrição clássica, passando pela medieval e chegando ao Renascimento, a forma predominante das filhas de Aquello foi a de mulher-peixe com uma cauda. Embora esta forma tenha prevalecido sobre as outras duas, as três formas passaram a coexistir, como podemos comprovar no *Emblematum liber* do humanista italiano Andrea Alciato, onde, dependendo da edição, as sereias são apresentadas de maneiras distintas:



6



7



8

<sup>5</sup> <http://www.realmermaids.net/picture/picture-of-the-goddess-atargatis-as-a-fish-with-human-head-on-ancient-greek-coin>

Com exceção da primeira imagem (9), em que aparecem duas sereias – conforme Homero – nas outras duas, Andrea Alciato, seguindo poetas que vieram depois do grande autor épico, diz que elas são três: Parténope, Lígia e Leucósia. A origem das sereias que aparecem na terceira imagem acima está, segundo Skye Alexander, na mistura entre a sereia medieval e a deusa da fertilidade celta *Sheela na gig*. Vejamos o que ele diz: “Esta sereia "sexy" é um cruzamento entre a deusa celta da fertilidade, que se agacha e exhibe sugestivamente seus segredos femininos e a sereia mais típica”.<sup>9</sup> (ALEXANDER, 2017)

A posição erótica da deusa e das sereias de duas caudas merece um comentário a mais. Ao separar as duas caudas, elas deixam à mostra a *vesica piscis*, literalmente, “bexiga de peixe”. Esta parte da Sereia é denominada, em sânscrito, de *yoní*, que simboliza a parte externa do órgão reprodutor feminino e, segundo as teorias tântricas, seria o órgão de onde fluíam as energias criativas.

A imagem da deusa comprova a afirmação dele:



10

Apresentadas todas as representações possíveis das companheiras de

---

<sup>6</sup> <<http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/emblem.php?id=A21a116>>. Edição de 1621.

<sup>7</sup> <<http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/emblem.php?id=A58a108>>. Edição de 1558.

<sup>8</sup> <[http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/dual.php?type1=1&id1=A46a004&type2=2&id2=sm29\\_A4v](http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/dual.php?type1=1&id1=A46a004&type2=2&id2=sm29_A4v)>. Edição de 1546.

<sup>9</sup> This sexy siren is a cross between the early celtic fertility goddess, who squats and suggestively shows off her feminine secrets, and the more typical mermaid.

<sup>10</sup> <<https://br.pinterest.com/pin/453315518728451860/?lp=true>>

Prosérpina no decorrer da história, passemos agora para a parte do texto que fala sobre o “canto da Sereia”. Por natureza, o ato de cantar está ligado aos pássaros, aves e seres humanos. Sendo as sereias primeiramente ninfas, elas podiam, sem dificuldade, entoar, cantar livremente. Foram transformadas, portanto, em pássaros, para que continuassem a executar o dom que possuíam na antiga forma. Andrea Alciato, em seu emblema XVI, assim descreve as sereias: “Absque alis volucres, et cruribus absque puellas, rostro absque et pisces, qui tamen ore canant, ...”<sup>11</sup>. Fica claro, aqui, que as ninfas foram metamorfoseadas em pássaros por estes possuírem uma característica própria das donzelas: o canto; atributo que os peixes não possuem.

Além de fazer parte da sua própria natureza, elas ainda utilizavam o canto para seduzir e levar à morte a todos os marinheiros que passavam por sua ilha, como veio a ocorrer com Ulisses e seus companheiros, no canto XII, da Odisseia, onde são descritas como monstros marinhos que atraem os homens com seu canto, devoram-nos, deixando apenas seus ossos. Os amigos de Ulisses só escapam porque enchem seus ouvidos de cera e, no caso, do herói, por permanecer bem amarrado ao mastro da nau.

Segundo o grande mitólogo Junito de Souza Brandão:

Os povos do Mediterrâneo viam geralmente a alma sob a forma de um pássaro, o que faz que as sereias e a Esfinge sejam “músicas”, como todas as suas irmãs que cantam e “encantam” perigosamente. No canto XII, 184 sqq. Da Odisseia (*sic*), Ulisses consegue escapar à sedução das sereias, cuja voz irresistível “encantava” suas vítimas para devorá-las. Como sentiam o “desejo”, mas não podiam realizá-lo, por serem peixes, frias, portanto, da cintura para baixo, bebiam o sangue dos que atraíam com seu canto. (BRANDÃO, 1986, p. 247)

Deixando de lado a confusão feita pelo grande estudioso quanto à forma – provavelmente proposital - entre as sereias-pássaros e as sereias-peixes, vale ressaltar a relação semântico-etimológica existente entre os verbos “cantar” e “encantar”. Este último, derivado do primeiro, vem do latim *in + cantare*, ou seja, “cantar em direção a (alguém)”, “lançar cantos em (alguém)”, ficando a pessoa que ouve presa aos “encantos” de quem canta. O mestre termina o seu comentário, fazendo referência ao “sangue” e ao “sêmen”. Segundo ele, por não possuírem vagina, elas não tinham como usufruir do prazer do sexo e, portanto, o germen da vida não era vertido nelas ou sobre elas. Assim sendo, as sereias se alimentavam de sangue humano, o que nos traz à lembrança o fato de que quase todas as sociedades primitivas faziam uso do sangue, quer seja de animais, quer seja de pessoas,

---

<sup>11</sup> Aves sem asas, e jovens sem pernas, peixes sem bico, os quais, porém, cantam com a boca, ...

como oferenda a alguma divindade para remissão de pecados, para abrandar a sua ira ou, ao vertê-lo na terra, torná-la fértil.

Voltando ao *Dialogus*, encontramos, na frase “O homem que acredita em uma mulher arma para si um laço”, um tom misógino. Para fundamentar o argumento de que a beleza da mulher, assim como a da Sereia, é um perigo para os desavisados e para os ávidos de prazer, o autor recorre primeiramente a textos bíblicos veterotestamentários. O primeiro texto a aparecer está em Eclesiástico 9, 5, onde as palavras *virginem* e *decore*, além de fazer um liame entre a Sereia e a mulher, chamam a atenção para o perigo de se deixar levar pela beleza de uma donzela; já o verbo usado neste versículo, *cupiscas*, é derivado do verbo *cupere*, e é incoativo, ou seja, não se deve nem “começar a desejar” uma virgem. O segundo versículo, Jó 31,1, enfatiza o perigo de se olhar para uma virgem. Essa ideia, até hoje, está presente nos comentários de exegetas cristãos: “Jó começa pelas faltas mais secretas, os maus desejos, cuja sede está nos olhos”. (BJ, 1992, p. 922)

Ao voltarmos, porém, o nosso olhar para o Novo Testamento, encontramos outra realidade no que diz respeito à pessoa da mulher. A mudança de pensamento se inicia pela pessoa de Jesus, que, quebrando os paradigmas da época, não só inclui as mulheres entre seus seguidores, mas também conversa, dialoga com uma mulher em público e, mais grave ainda para o povo a que ele pertencia, uma mulher samaritana. Vejamos o espanto dos discípulos com esta atitude: “Eles se admiraram que ele estivesse conversando com uma mulher” (João 4. 27). Assim Jack Holland comenta esse tipo de comportamento de Jesus em relação às mulheres: “Nenhum dos grandes filósofos e professores clássicos, nem os profetas judeus que o precederam, como João Batista, reuniram mulheres seguidoras ao seu redor de forma tão significativa”.<sup>12</sup>

Paulo, mesmo que sejamos forçados a reconhecer o seu ascetismo sexual, a sua preferência pelo celibato e pela abstinência e, com eles, o conselho para que outros cristãos sigam seus passos, não tem como ir contra as Escrituras e reconhece a necessidade do casamento e, o mais importante, como a mulher deve ser tratada pelo marido: “Vocês, maridos, amem a suas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Ef. 5.25). Embora no versículo anterior a este diga que a esposa deve

---

<sup>12</sup> HOLLAND, Jack. *A Brief History to Misogyny. The world's oldest prejudice*. None of the great classical teachers/philosophers, nor the jewish prophets who preceded him such as John the Baptist, gathered women followers about them to any significant extent. Vale dizer que nesta mesma obra há uma nota dizendo que talvez Pitágoras e escolas fundadas por ele tenha permitido a participação de mulheres.

ser submissa ao marido, fica evidente que a submissão maior é a do marido, pois ele deve amar a sua mulher acima de tudo e de todos. Ele também não vê o sexo dentro do casamento como algo pecaminoso, sujo, mas como alguma coisa necessária para a felicidade do casal e cuja abstinência, nessa situação, mostra-se perigosa: “Não se privem um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para se dedicarem à oração e, novamente, se ajuntarem para que Satanás não tente vocês por causa da sua incontinência (I Cor 8:5)”. R. Howard Block, com certeza, vai ao encontro do que aqui dissemos e exemplificamos, quando afirma que “Há uma diferença entre as formulações Paulinas e as elaborações subsequentes dos atributos dos sexos por Tertuliano, Crisóstomo, Ambrósio ou Jerônimo...”.

Em seguida, o autor sai do contexto bíblico e vai buscar apoio para os seus argumentos em um autor cristão que, por ser do clero e medieval, defendia a castidade: Bernardo de Claraval. Agora o perigo não está apenas em olhar para uma virgem e desejá-la, mas em se deixar seduzir pelo olhar dela. O texto atribui a frase “O olhar da mulher é uma seta envenenada: fere a alma e injeta veneno” a São Bernardo, mas, na verdade, ela foi proferida, pela primeira vez, no quarto século pelo monge Evágrio de Ponto (XERAVITS, 2015). São Bernardo, porém, não pode ser ignorado quando o assunto é mulher, principalmente se ela não leva uma vida piedosa e religiosa: “... A mulher secular é um instrumento de Satanás. Ela canta para ti para despertar (em ti) os prazeres deste mundo e para mostrar os caminhos do diabo como lemos: ...” (*Liber ad sororem, caput LVII*). Logo após este excerto, São Bernardo começa a descrever a Sereia – metade mulher, metade peixe – para concluir dizendo que ela canta para atrair os marinheiros e levá-los à perdição, fazendo, assim, uma analogia entre o seu canto e o de uma mulher mundana.

No que diz respeito a Páris e Helena, parece que o argumento carece de respaldo histórico, sendo, por isso, construído a partir da beleza de Helena e das desgraças oriundas dela. Quanto ao comportamento dos filósofos em relação à esposa de Menelau, ocorreu o contrário, pois sofistas como Górgias e seu discípulo Isócrates foram dois defensores ferrenhos da rainha de Troia, tendo o primeiro escrito um texto em sua defesa: “Elogio de (a) Helena”, onde demonstra claramente que ela foi a vítima, ainda que, segundo Laurie Maguire, este tenha construído os seus argumentos por mera diversão, enquanto aquele, de maneira séria. (MAGUIRE, 2009)

Por fim, o seu último argumento é tão frágil quanto o anterior. Não há qualquer menção na biografia de Demócrito ao fato de ele ter furado os próprios olhos para que não viesse a desejar mais mulher alguma. O único

autor que alude a este fato é Tertuliano, tentando, com isso, levar o cristão à castidade:

Demócrito, cegando a si mesmo, porque não conseguia olhar as mulheres sem que as desejasse e sofreria, se não se dominasse, ensina, com seu próprio exemplo, a incontinência. Mas o cristão, com os olhos já salvos, não olha para as mulheres; contra a libido, está cego mentalmente..., (*APOLOGETICUM*, 46, 11)<sup>13</sup>

Por ser a única fonte a fazer menção a este fato na vida de Demócrito, ela carece de credibilidade e, a julgar pelo autor – que viveu num momento de grandes heresias dentro do cristianismo (século ii), sendo o mesmo, posteriormente, considerado um herege – deve ser considerada apenas como invenção argumentativa para reforçar a ideia defendida por Tertuliano de que o cristão deve evitar olhar para as mulheres, pois, segundo ele, a simples visão do corpo feminino desperta no fiel o desejo e a lascívia.

## 5. Conclusão

Vimos que o pensamento medieval a respeito da mulher é bastante negativo e pejorativo e que, para corroborá-lo, o texto em estudo, altamente influenciado pelo pensamento religioso de então, não se limita a buscar exemplos na Bíblia e em autores cristãos, como, por exemplo, São Bernardo, Tertuliano mas vai beber também na cultura greco-latina: 1) apresenta os filósofos gregos como exemplos de autocontrole e moderação; 2) chama a atenção para o perigo de se deixar levar pela beleza feminina e, para tanto, o autor faz alusão a mais bela das mulheres gregas, Helena. Conforme deixamos claro em nossos comentários, o texto, como testemunho histórico, é de grande valia, mas, com certeza, não condiz com os verdadeiros ensinamentos e valores cristãos apresentados por Jesus e levados aos gentios pelo apóstolo Paulo sobre como as mulheres devem ser vistas e tratadas.

O texto também nos outorga a oportunidade de trabalhar as várias representações das sereias no decorrer da história, desde o primeiro modelo, a mulher-pássaro, passando pela mulher-peixe, finalizando com a Sereia de duas caudas. Vale lembrar que, embora o último tipo apresentado seja o mais sensual, não foi ele que prevaleceu nas artes em geral e, em nossos dias, nas propagandas, mas sim aquele em que ela é apresentada com uma cauda só e em poses provocativas, sendo, por isso, símbolo da sensualidade

---

<sup>13</sup> Democritus excaecando semetipsum, quod mulieres sine concupiscentia adspicere non posset et doleat, si non esset potitus, incontinentiam emendatione profitetur. At Christianus salvis oculis feminas non videt; animo adversus libidinem caecus est.

e sedução feminina.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIATO, Andrea. Disponível em:

<[http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/dual.php?type1=1&id1=A46a004&type2=2&id2=sm29\\_A4v](http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/dual.php?type1=1&id1=A46a004&type2=2&id2=sm29_A4v)>.

ALEXANDER, Skye. *Mermaids: The myths, legends, & Lore*. New York: Adams Media, 2012.

ANDERSON, Gail-Nina. Mermaids in Myth and in Art. *Fortean Times*, November, 2009.

APOLLONIUS, Rhodius. *The Argonautica*. Disponível em:

<[https://www.gutenberg.org/files/830/830-h/830-h.htm#link2H\\_4\\_0006](https://www.gutenberg.org/files/830/830-h/830-h.htm#link2H_4_0006)>.

*BÍBLIA Sacra*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

BÍBLIA Sagrada. *A bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1992.

BLOCK, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad.: Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, vol. 1. 2. ed.. Petrópolis: Vozes, 1986.

*DIALOGUS Creaturarum moralisatus*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.

DU FRESNE, Charles. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.

ECO, Umberto (Dir.). *Idade Média: bárbaros, cristão e mulçumanos*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.

GEORGES, Duby; PERROT, Michelle. *Histoire des femmes en occident: Le Moyen Age*. Sous la direction de Christiane Klapisch-Zuber. Paris: Plon, 1991.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad.: Victor Jabouille. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOLLAND, Jack. *A brief history to misogyny*. The world's oldest prejudice. London: Constable & Robinson Ltda, 2006.

HOMER. *The Odyssey*. Disponível em:

<<http://www.gutenberg.org/ebooks/3160>>

JEROME. *Select letters*. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

JEWITT, Llewellynn. The Mermaid of Legend and of Art. *The Art Journal*, vol. 6, p. 170-172, 1880. JSTOR, JSTOR. Disponível em:

<[www.jstor.org/stable/20569529](http://www.jstor.org/stable/20569529)>

MAGUIRE, Laurie. *Helen of Troy: from Homer to Hollywood*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009.

MAXIMUS, Valerius. *Factorum et dictorum memorabilium libri novem*.

Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

MUSTARD, Wilfred P. Siren-Mermaid. *Modern Language Notes*, vol. 23, n. 1, p. 21-24, 1908. JSTOR, JSTOR. Disponível em:

<[www.jstor.org/stable/2916861](http://www.jstor.org/stable/2916861)>

NICAISE, Claude. *Les sirenes, ou discours sur leur forme et figure*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.

OVIDIUS. *Metamorphoses*. Disponível em:

<<http://www.thelatinlibrary.com/ovid/ovid.met5.shtml>>

PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995.

SMITH, William; LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.

TERTULIANUS. *Apologeticum*. Disponível em:

<<http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.apol.shtml>>

XERAVITS, Géza G. *Religion and female body in Ancient Judaism and its Environments*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2015.